

lo. Esta distinção já era feita por Jesus: ser seu discípulo era segui-lo, mas não apenas “aprender” suas lições.

A Educação Espírita deve procurar fazer discípulos, pois só ela nos dá a verdadeira educação. *(Continua na pág. 12.)*

Entrevista: General Milton O’Reilly de Sousa

“Na questão do corpo fluídico de Jesus, professada pelo roustainguismo, o tempo deu razão a Kardec”

Da Redação

Em março de 1987, *O Imortal* ofereceu a seus leitores uma entrevista concedida a Marcelo Borela de Oliveira pelo filólogo e grande estudioso do Espiritismo general Milton O’Reilly de Sousa, que infelizmente já não se encontra encarnado em nosso meio.

Dando seguimento ao nosso propósito de reprisar aqui, ao longo de 2003, quando este jornal comemora 50 anos de existência, as principais matérias publicadas na parte central do periódico nos últimos vinte anos, de dezembro de 1983 a esta data, reproduzimos na íntegra a citada entrevista.

*

Em 1934, estando em serviço no Recife, Pernambuco, um jovem foi obsequiado com um exemplar do livro “O Problema do Ser, do Destino e da Dor”, que lhe fora ofertado pelo amigo Capitão Alfredo Moacyr Uchoa. Concluída a leitura da magistral obra de Léon Denis, surgia mais um adepto da doutrina espírita, mais tarde seu divulgador: o General Milton O’Reilly de Sousa.

Bastante conhecido no meio espírita, principalmente no Rio de Janeiro, onde leciona há 30 anos do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, Milton é membro ativo da Cruzada dos Militares Espíritas e um emérito conhecedor de nossa Língua Pátria.

Sua estréia no Instituto ocorreu com uma palestra acerca do tema “A Educação à Luz do Espiritismo”. Daí surgiu o convite de Deolindo Amorim para que ingressasse no Corpo de Professores do ICEB, onde lecionou “Elementos de Português” e no momento

examina o simbolismo e a linguagem figurada nos diferentes passos do Evangelho.

Entre uma tarefa e outra, Milton O'Reilly falou a "O Imortal" sobre alguns temas da atualidade, como o leitor verá nesta entrevista.

“A Umbanda não constitui variante nem modalidade do Espiritismo”

O IMORTAL – Considerado, com justiça, um intelectual no meio espírita, quais livros espíritas, excetuados os de Kardec, V. mais admira?

Milton – Na literatura mediúnica, os da lavra de André Luiz. Entre os autores encarnados, admiro as obras de Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy e Jorge Andréa, sem falar dos mestres como Léon Denis, Ernesto Bozzano e outros luminares.

O IMORTAL – Em seu modo de ver, como especialista em língua portuguesa, quais as traduções das obras de Kardec mais fiéis ao pensamento do Codificador e quais as mais elegantes do ponto de vista do estilo e da fidelidade à nossa língua?

Milton – Poderíamos dizer que todos permanecem fiéis ao pensamento do Codificador. Quanto ao estilo e à fidelidade aos preceitos da boa linguagem, todas apresentam várias delinquências gramático-vocabulares, barbarismos e solecismos, decorrentes da influência da língua francesa, que abastarda e barbariza o idioma vernáculo.

O IMORTAL – Discute-se hoje um assunto que vez por outra volta à baila no movimento espírita: a natureza religiosa do Espiritismo. Para V. o Espiritismo é religião?

Milton – Sim! Tomado no sentido literal primitivo, isto é, de conformidade com o seu étimo – “religio”, co-radical de religare, – o Espiritismo é religião. Primeiramente, devemos esclarecer que há profunda diferença entre ser a religião e ser uma religião, se atentarmos a que os artigos não são vazios de sentido, isto é, a

que o problema da Educação exige que o homem se defina pelas idéias morais ou religiosas que professa. Que ele se defina, é certo, pelo que ele é em verdade, ou seja, por sua ação, por seu comportamento, por seu modo de vida.

E notai bem: uma das mais nobres formas de trabalho é a que caracteriza o professor. E as quatro modalidades requeridas para a nobreza de tão alto mister são: amor, discernimento, desprendimento e boa conduta.

Ninguém deveria ser educador, ninguém deveria ter permissão para ensinar, se não houvesse provado, por sua vida cotidiana, ser o amor a qualidade fundamental de sua natureza, porque somente um mestre cheio de amor e simpatia atrairá os discípulos, tornando-lhes a vida agradável.

O IMORTAL – O movimento espírita deve preocupar-se em edificar colégios espíritas, como Eurípedes Barsanulfo fez em Sacramento?

Milton – É certo que, sendo possível, edificar escolas específicas seria apreciável contribuição para a realização do ideal espírita, mas entendo que a Educação Espírita deve ser mais a nível de influência sobre os docentes. Impõe-se educar o educador, que deve ser um edutor, alguém que eduza de seu educando o que nele dormita de melhor e mais puro.

A Educação deveria ser o primeiro interesse do Estado, porque do problema da Educação decorrem os demais problemas nacionais. É preciso, porém, que se não confunda instrução com educação. Descobrir fatos fora de nós é instrução; realizar valores dentro de nós é educação.

Assim como não devemos confundir instrução com educação, assim também devemos distinguir aluno de discípulo. Aluno é quem aprende com um professor; discípulo é quem segue a trilha antes perlustrada por um mestre. Só denominamos discípulo aquele que reproduz em suas ações a técnica, a “escola”, o estilo, a interpretação, a vivência do mestre.

Aristóteles foi aluno de Platão, mas não foi seu discípulo; mas Platão, além de ter sido aluno de Sócrates, foi também seu discípu-

“A Constituição tem sido desrespeitada no que concerne à liberdade de culto”

O IMORTAL – Há alguma relação entre os Dez Mandamentos da Lei de Deus e as Doze Tábuas da Lei?

Milton – Nos comícios de centúrias (*comitia centuriats*) escolheram-se dez ilustres cidadãos denominados decênviros (do latim *decem*, dez e *vir*, varão ou cidadão). A estes foi confiada a preparação do código. Os decênviros, com um mandato de um ano, não podiam cuidar de outra coisa. Parece até que mandaram uma comissão à Grécia, a fim de estudar a organização das cidades gregas e as leis que o estadista Sólon havia deixado num memorável texto.

Findo o prazo, os decênviros submeteram as leis à aprovação do povo. Impressas em placas de bronze, elas foram afixadas no Fórum, para que todos pudessem conhecê-las. No ano seguinte, um segundo grupo de legisladores preparou duas tábuas complementares e assim surgiu o Código das Doze Tábuas.

A Lei das Doze Tábuas, documento importante da história de Roma, e também para as épocas posteriores, constitui o primeiro texto do direito romano. Não me consta, porém, que as Doze Tábuas da Lei tenham algo a ver com os Dez Mandamentos de Moisés.

O IMORTAL – O tema Educação Espírita volta a tomar vigor, após alguns anos de ostracismo. Ele foi escolhido para assunto do Conbrajee/89. (N.R.: Conbrajee/89 é uma sigla referente ao Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas que acabou não se realizando no ano citado.) Como educador, de que maneira V. encara essa questão?

Milton – O problema é de grande relevância. Educação é o desenvolvimento da personalidade e seu objetivo é a integração do homem estimulando-lhe a capacidade de estar cômico de si mesmo, na integral compreensão da vida. Seu problema culmina, logicamente, no problema da auto-realização do homem. Vê-se, pois,

presença do artigo “a” indica o Espiritismo como a única religião e a do indefinido “uma” faz sentir que há outras religiões, sendo o Espiritismo uma delas.

Há muitas religiões, no sentido literal-extensivo do termo, isto é, “conjunto de ritos, imagens, altares, dogmas etc.”. O Espiritismo é, além de tudo, como afirma Gonzalez Soriano, a “síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da Verdade”. A religião do Espiritismo é exclusivamente filosófica, nada tem de fórmulas, nem cerimônias, nem culto ostensivo: é a filosofia pura do Cristianismo, a lei natural, a ciência universal, a moral divina, o verdadeiro Catolicismo pela sua universalidade, pois bem precisou Kardec esta relação escatológica entre Espiritismo e Catolicismo, no que respeita à natureza sobrenatural de ambas as escolas. No Espiritismo só há um dogma: o AMOR; uma única adoração: a VIRTUDE; e uma única prática: o BEM, numa síntese admirável: DEUS!

O IMORTAL – Os críticos do Espiritismo cristão apegam-se, com razão, aos desvios que apresenta o movimento espírita quanto à atividade básica dos Centros Espíritas: muito formalismo, rituais, preces cantadas, misticismo exacerbado, segundo aqueles críticos. Como V. vê a questão?

Milton – A resposta está no que acabamos de dizer. Nada de formalismo, de rituais, preces cantadas, misticismo exagerado etc. A própria imprensa leiga confunde Espiritismo com Umbanda, que, embora espiritualista, com características mediúnicas bem acentuadas, não constitui variante nem modalidade do Espiritismo. Umbanda é Umbanda, Espiritismo é Espiritismo. É o pensamento do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, que do assunto tem tratado em seus seminários.

*“Na questão do roustainguismo,
o tempo deu razão a Kardec”*

O IMORTAL – Como V. vê o caso Edson Queiroz? O Instituto já chegou a examinar o assunto?

Milton – O ICEB não se pronunciou a respeito. Há mediunidade, pois assistimos a várias operações executadas pelo dr. Fritz, tendo nós, em uma delas, em Niterói, a convite da referida entidade e na presença de vários confrades e médicos encarnados, funcionando como anestesista numa operação de pterígio no olho esquerdo da sogra de uma das filhas do dr. Américo de Oliveira Borges, nosso confrade e presidente da ABRAJEE (Associação Brasileira dos Jornalistas e Escritores Espíritas).

A mediunidade é um bem para o movimento espírita, enquanto o médium se conservar fiel aos preceitos da moral cristã, a fim de que lhe não suceda o que tem acontecido a outros que têm aparecido no meio espírita, para descrédito da doutrina.

O IMORTAL – Como está a Cruzada dos Militares Espíritas? Sua atuação tem alguma repercussão no seio das Forças Armadas?

Milton – A Cruzada dos Militares Espíritas vem realizando seus objetivos, com grande repercussão nas unidades do Exército e da Aeronáutica, não sucedendo o mesmo na Marinha, onde encontramos pronunciada resistência por parte dos capelães, pois alegam que, “conforme circular do SARM, para ser emprestada assistência religiosa na Marinha, o representante religioso, que não seja do quadro de capelães da Marinha, deverá apresentar certificado do curso de Teologia e documento que prove estar em situação regular perante a Congregação”.

Quanto à criação de um Núcleo da Cruzada, no Colégio Naval, declarou seu Comandante que “não existe oficial, no Colégio, que seja espírita ou simpatizante do Espiritismo e, assim, se fosse criado o Núcleo, atenderia apenas a uma pequena parcela do Corpo de Alunos”. É inacreditável e, como se vê, a influência dos capelães é muito grande... Como sempre afirmo, impõe-se muita vigilância quanto ao respeito às normas constitucionais.

O IMORTAL – O “roustainguismo” foi professado no Brasil por confrades ilustres – como Bezerra de Menezes e

Guillon Ribeiro; no entanto, Allan Kardec se posicionou contra a tese do corpo fluídico de Jesus, dizendo que caberia ao tempo dar a palavra final sobre o assunto. Perguntamos: o tempo deu razão a Kardec?

Milton – Sim. O tempo deu razão a Kardec, o mensageiro direto da Alta Espiritualidade, o “predicador da nova fé”, como lhe chamou Frederico Myers, pois a ele, Kardec, coube a missão de realizar a grande obra de codificação da Doutrina dos Espíritos – o Espiritismo, luz que veio espancar as trevas da incompreensão e do erro.

O Espiritismo significa, para a humanidade, redenção espiritual, pelo conhecimento dos problemas atinentes à vida espiritual e à prática do bem. Allan Kardec está ligado ao Espiritismo e, assim, ligado indelevelmente ao movimento de redenção da humanidade, sob a égide de Jesus.

Estamos convictos, e já o dissemos em entrevista concedida ao “Pernambuco Espírita”, de Recife, há cerca de quatro anos, que não houve nascimento virginal e o corpo de Jesus era de carne. Não podemos aceitar a opinião dos docetistas no que concerne ao corpo fluídico de Jesus. Estamos, pois, de pleno acordo com as palavras do Codificador. E aqui lembramos as do saudoso professor Carlos Juliano Torres Pastorino em “Sabedoria do Evangelho”, volume 4, pág. 59: “A teoria docetista de que às dores físicas Jesus foi insensível por ser um fantasma (agênera) é de indizível ingenuidade; nem há razões que justifiquem a abolição da dor física, a fim de salientar a dor moral motivada pelo baixamento de vibrações, o que lhe permitiu conviver na Terra com a humanidade ainda atrasadíssima como está”.

Vemos, pois, que o homem Jesus sofreu moral e fisicamente, mas o Cristo Cósmico não, pois que é inatingível a dores e sofrimentos. Não confundamos o eu menor, a personalidade humana de Jesus, com o eu maior, a individualidade cósmica do Cristo. Houve paixão e morte de Jesus, o homem, de carne e osso como nós.